



PENSADORES DA LIBERDADE – UMA INTERFACE ENTRE PAULO FREIRE E KARL BARTH NA BUSCA DE UMA PEDAGOGIA DA RESISTÊNCIA

Eixo- 5 - Educação, Comunicação, Informação, Direitos Humanos e Cidadania

SILVA, Marcos Novaes da ¹

VIEIRA, Marili Moreira da Silva ²

RESUMO

Este artigo se propõe a realizar uma interface entre dois grandes pensadores do século XX, o brasileiro Paulo Freire e o suíço Karl Barth, sobre a necessidade da construção de uma *pedagogia da resistência*. Busca nas *práxis* freirianas e barthianas elementos de ligação, semelhanças, similaridades, afinidades e convergências na tentativa de provar que o educador, em tempos de opressão política, deve resistir. Por meio de um recorte histórico, traz elementos contextuais tanto da atuação de Freire como de Barth, interpreta as ações políticas e educacionais destes autores como *pedagogia da resistência*. Ao “interfacear” os autores, provoca uma reflexão sobre a necessidade dos professores no Brasil resistirem ao autoritarismo de governos absolutistas e disfarçados de democráticos.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire; Karl Barth; liberdade; resistência.

ABSTRACT.

This article proposes to establish an interface between two great thinkers of the 20th century, the Brazilian Paulo Freire and the Swiss Karl Barth, on the need for a *pedagogy of resistance*. It seeks in Freirian and Barthian praxis elements of connection, similarities, similarities, affinities and convergences in an attempt to prove that the educator, in times of political oppression, must resist. Through a historical cut, it brings contextual elements of both Freire and Barth's performance, interprets the political and educational actions of these authors as *pedagogy of resistance*. By "interfacing" the authors, it provokes a reflection on the need of teachers in Brazil resist the authoritarianism of absolutist governments and disguised as democratic.

KEYWORDS: Paulo Freire; Karl Barth; freedom; resistance.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC), Universidade Presbiteriana Mackenzie (UMP). Email: Marcosnovaessilva@gmail.com

² Doutora em Educação: psicologia da Educação- PUC/SP. Professora permanente no PPGEAHC Universidade Presbiteriana Mackenzie (UMP). Email: marili.vieira@mackenzie.br



1 Introdução

Este artigo é fruto de pesquisa teórica e bibliográfica – ainda em andamento – da relação entre o educador brasileiro Paulo Freire (1921 – 1997) e o humanista cristão e reformador do século XVI, criador da Universidade de Genebra, João Calvino (1519 – 1564), sobre a *educação como prática da liberdade*.³ Entretanto, no presente artigo propomos um recorte histórico e teórico para analisarmos, não necessariamente da relação entre Calvino e Freire sobre *uma pedagogia da resistência*, mas a relação e interface que há entre Paulo Freire e um seguidor e “discípulo” de Calvino, o professor e teólogo suíço do século XX, Karl Barth (1886 – 1968), na busca de uma pedagogia da resistência.

Certamente o leitor está familiarizado com Paulo Freire. Ele sofreu perseguição do regime militar no Brasil (1964 – 1985), sendo preso e forçado ao exílio no Chile. No exílio, escreveu sua obra mais conhecida *Pedagogia do Oprimido* (1968), buscando uma educação voltada para a classe pobre. Freire propõe a educação como prática da liberdade, postula necessariamente uma pedagogia do oprimido. Os conceitos de *Radicalização* e *Sectarização* são importantes em Freire. Ele chama a atenção para o medo da liberdade ou o denominado perigo da conscientização enquanto processo de evolução de uma consciência ingênua ou mítica para uma consciência crítica, recorrendo à radicalização crítica, criadora e, conseqüentemente, libertadora enquanto unidade dialética entre subjetividade e objetividade, a qual gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la. Esta radicalização crítica e criadora se transforma em ameaça à classe dominadora, que pela *Sectarização*, obstáculo à emancipação dos homens, transforma o futuro em algo preestabelecido para dar manutenção a formas de ação negadoras da liberdade. Diz Freire:

A sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela crítica que alimenta.

³ O tema abordado e desenvolvido, como um aspecto de uma área de interesse, mostra como a filosofia educacional, formação e o ensino pedagógico de dois grandes educadores, aparentemente díspares, um educador do século XIX, o brasileiro Paulo Freire (1921 – 1997), e o outro educador do século XVI, o francês João Calvino (1509 – 1564), ambos idealizadores de pensamentos educacionais e de ensino e aprendizagem revolucionários para suas épocas, contribuíram para o *processo da liberdade humana através da educação* – que para ambos era libertadora para a sociedade desguarnecida de privilégios, visa analisar como estes autores podem contribuir para questões que são colocadas pela contemporaneidade com relação à educação das classes menos favorecidas e oprimidas.



Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora (FREIRE, 2016, p. 34).

É nesta dialética apresentada que Freire desenvolve sua pedagogia do oprimido, em busca da liberdade humana: “A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por libertação, tem raízes aí” (FREIRE, 2016, p. 55). Como veremos, a pedagogia de Paulo Freire é também uma pedagogia da resistência.

Já Karl Barth ainda é pouco conhecido no Brasil. Até 1970, não havia nada em português sobre Barth no nosso país. Apesar disso, Barth é considerado o maior teólogo do século XX, e, só por isto, já mereceria nossa atenção. Karl Barth foi um teólogo suíço que fez todos os seus estudos na Alemanha, país em que viveu desde os anos de 1922 até 1935. A ascensão do nazismo no final dos anos de 1920 e a ascensão de Adolf Hitler (1934 – 1945) ao poder em janeiro de 1933, tornaria impossível sua permanência na Alemanha (FILHO, 2015).

Quando o social – nacionalismo surgiu, Barth questionou: “Para onde foi tudo aquilo que se chamava, há um ano e antes disso durante cem anos, liberdade, direito e espírito?” (CORNU, 1971, p. 28). Barth teve uma vida acadêmica profunda. Ele nunca completou um doutorado, apesar de mais tarde em sua vida ter sido contemplado com inúmeros títulos honorários de diversas grandes universidades. Ele recebeu doutorado honoris causa em teologia das Universidades de Münster, Alemanha (1922, cassado em 1938 e concedido novamente em 1946), Glasgow, Escócia (1930), Utrech, Holanda (1936), St. Andrews, Aberdeen, Escócia (1937), Oxford, Inglaterra (1938), Budapest, Hungria (1954), Edinburgo, Escócia (1956), Faculdade Teológica Protestante de Estrasburgo, na França (1959), Chicago, Estados Unidos (1962) e Sorbonne, Paris, França (1963) (FERREIRA, 2013, p. 31). Ele era um catedrático – ao mesmo tempo representava uma ameaça para o nazismo. Quando foi expulso da Alemanha, tornou-se, como ele próprio escreveu, “uma espécie de inimigo público” do hitlerismo totalitário, o nacional – socialismo de caráter inumano. Por causa da sua posição, todos os seus escritos foram colocados como *index* na Alemanha (CORNU, 1971, p. 55).

Mas, qual relação há entre Freire e Barth? Como podemos intercambiar ações e teorias – posicionamentos epistemológicos desses autores? Quais são os elementos



desta possível simbiose? Paulo Freire e Karl Barth, um pedagogo e um teólogo, um católico praticante da teologia da libertação e um protestante que considerava a tirania uma espécie de heresia – para Barth a legitimidade da resistência era um dever religioso – enquanto os luteranos da Igreja institucionalizada, apoiaram Hitler, com o seu “evangelho” para arianos, ou seja, os cristãos da raça ariana. Barth se tornou uma das principais vozes da Igreja Confessante Alemã – a voz da resistência. Para Barth, “a Igreja Confessante poderá resistir, e que continuará mantendo-se firme”.

Há outros acadêmicos que partilharam dessa oposição e resistência a Hitler. O teólogo e filósofo que levantou sua voz contra Hitler foi Paul Tillich (1886-1965), Tillich foi expulso da Alemanha e passou o resto da sua vida nos Estados Unidos. Dietrich Bonhoeffer (1906- 1945), amigo de Barth, membro da resistência alemã antinazista e membro fundador da Igreja Confessante, ala da igreja evangélica contrária à política nazista, doutorou-se em teologia na Universidade de Berlim e fez um ano de estudos no Union Theological Seminary em Nova York. Foi preso e acabou sendo enforcado, pouco tempo antes do próprio Hitler cometer suicídio.

O que aproxima Barth e esses teólogos de Freire é a luta pela humanização e a resistência à desumanização, como veremos a seguir. Ambos, Freire e Barth, viveram em contextos de tolhimento à liberdade. Eles exemplificam e encarnam uma pedagogia da resistência. Esses autores mostram que a educação não pode ser passiva, “bancária”, como denuncia Freire. Para Barth, assim como para Freire, a arma para resistir à desumanização é o discurso, a dialética, a fala, o pronunciamento com intrepidez e coragem em tempos de totalitarismo e extremismos políticos.

2. A Dialética Freiriana.

Em Freire há uma visão dialética diferenciada em relação à tradição moderna (STRECK, et.al, 2018, p. 189).

Há um processo dialético - dialógico no pensamento freiriano que o distingue dos clássicos dialéticos da filosofia moderna, como podemos analisar nas abordagens dos idealistas alemães, Hegel (1770 – 1831) e Marx (1818 – 1883).⁴ O pensamento

⁴ Para uma discussão sobre a Dialética na perspectiva de Hegel e Marx, veja Abbagnano, Dicionário de Filosofia, 2007, pp. 319- 322, e para um excelente capítulo sobre a dialética hegeliana, veja a obra antiga



pedagógico de Paulo Freire é fruto da sua originalidade epistemológica, como nos mostra Danilo R. Streck (et. al, 2018, pp. 188-189):

A originalidade de Freire está na superação de uma forma de pensar totalizadora da vida, pois ele busca construir crítica e criativamente novos elementos para conceber a vida humana em sociedade de modo radicalmente democrático e libertador; ao elaborar uma nova visão epistemológica a partir da produção do conhecimento de forma dialógica, intersubjetiva e dialeticamente aberta para o dinamismo da vida, a diferença e o inédito viável, além de inspirar profundas inovações na visão política e ética dos problemas que desafiam o mundo atual.

A visão pedagógica freiriana se fundamenta no tipo de processo dialético que parte da realidade, do fato concreto dos seres humanos – buscando, por meio do diálogo, a transformação da cultura. Enquanto no esquema de Hegel se valoriza o princípio da contradição, como demonstra Hirschberger (1967, p. 406): “Nenhum princípio é aceitável pela filosofia de Hegel, porque todo o princípio é entendido como em oposição ao princípio da contradição”; o que se valoriza em Freire é o diálogo – é a ação dialógica – que supera a contradição. O diálogo é uma categoria didática de construção do processo de libertação. E foi o diálogo de Freire com grupos marginalizados que gerou e mobilizou ações políticas, culturais e sociais transformadoras (ROCHA, 2013).⁵

Enquanto na tríade da dialética convencional a tendência natural é enfatizar a *Tese* (Afirmção) em detrimento da *Antítese* (Negação), enfraquecendo a contradição por intermédio da eliminação das contingências (LIMA, 1996), na chamada “dialética-dialógica” freiriana não há uma justaposição – uma hierarquia de posições em conflitos –, “pois o próprio diálogo, em sua autenticidade, nutre-se pela abertura ao outro, oportunizando assim, a revelação do novo na história” (STRECK, et.al, 2018, p. 189).

É por meio do diálogo, da fala, do discurso e da comunicação, os quais são tão caros a Freire, que acontece a humanização e a desumanização dos seres humanos. Paulo Freire enxerga que humanização e desumanização são as duas possibilidades presentes na história dos homens como seres inconclusos. Porém, para o educador, a

de Hirschberger, História da Filosofia Moderna, 1967, pp. 399- 426.

⁵ Angicos/ RN, foi o palco em que, pela primeira vez, Paulo Freire, pôs em prática o seu famoso método de alfabetização de adultos. Para Freire: “Eu considero Angicos um dos pontos, um dos momentos, um dos locais em que muita coisa do meu trabalho, e do meu pensamento, se encontra enraizada” (LYRA, 1996, p. 13).



vocação do homem seria para a humanização e a desumanização seria uma distorção da história. A desumanização não é verificada apenas em quem tem sua humanidade roubada, mas também em quem rouba a humanidade de alguém. A partir desta dialética há um anseio de liberdade dos oprimidos, que querem recuperar sua humanidade roubada (o que resultaria também na reumanização dos opressores).

Se a desumanização fosse a verdadeira vocação dos homens, não haveria nada mais a ser feito. Assim, há um duelo de forças. De um lado o ser mais, que representa uma permanente busca pela plenitude. Do outro, o ser menos, uma distorção da busca pelo ser mais que resultou na desumanização:

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação (se a vocação do homem fosse para a desumanização). Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores a esta, o ser menos. (FREIRE, 1993, p. 41)

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1993) elaborou uma fundamentação teórico-filosófico sob a condição do diálogo verdadeiro, propondo uma educação libertadora, tendo no *diálogo/dialogicidade* uma das categorias centrais do seu pensamento (STRECK, et.al, 2018). O educador, para Freire, seria um “dialógico”, pois oferece aos seus alunos um conteúdo programático libertador. Trabalha com o conteúdo, exigindo e ensinando os educandos a serem ativos no processo de apropriação e exame do deve ser aprendido, de modo a promover um diálogo verdadeiro entre professor – aluno – conhecimento, produzindo e ampliando os horizontes da vida de cada um, favorecendo a possibilidade de o aluno transcender o seu cotidiano imediato, vislumbrando possibilidades de ser e atuar no mundo. Por isso, dialógico.

Para haver esse diálogo, outros educadores têm apontado a necessidade de partir daquilo que o aluno já sabe e das experiências que ele conhece, mas não permanecer ali mas, sim, apontar e caminhar juntos para avanços cognitivos e aprendizagens significativas (VYGOTSKY, 1999; AUSUBEL, 1980). Nessa condição, Freire coloca aluno e professor como agentes importantes do processo de aprendizagem:

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição - um conjunto de informes a ser depositado nos educandos -, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe



entregou de forma desestruturada (FREIRE, 1993, p.116).

Podemos assim esboçar a dialética freiriana, sintetizando seu pensamento:

- Reflexão sem ação = ativismo;
- Ação sem reflexão = verbalismo;
- Reflexão mais ação = Práxis;

Apenas a práxis, segundo Paulo Freire, resulta em uma transformação efetiva que causa mudanças significativas contra toda opressão. Os opressores são os que não desejam o diálogo, que reprimem e minam qualquer debate democrático, mas nem sempre de modo explícito, e sim por meio de jargões que aparentam formação para a cidadania. Paulo Freire lista uma série de medidas antidialógicas promovidas para manter os oprimidos em sua condição (FREIRE, 2019, pp. 185- 226):

- Conquista: a partir das mitificações;
- Divisões: a unificação dos oprimidos é uma ameaça aos opressores;
- Manipulações: através da ilusão de alguns poucos privilégios e
- Invasões culturais: imposição da visão de mundo opressora;

Por outro lado, quais são as ações dialógicas que o educador recorre contra as imposições dos antidialógicos? Freire lista as ações dialógicas, necessárias para a educação que liberta (FREIRE, 2019, pp. 226- 256)

- Colaboração: busca o encontro de sujeitos para uma transformação social efetiva;
- União: a superação de cisões é um ponto fundamental para a libertação;
- Organização: que resultará em conquistas reais e não ilusórias e
- Síntese cultural: as culturas se manifestam livremente e sem imposições

Embora a dialogicidade em Freire seja pautada na dialética e esteja aberta para ouvir o outro, ela não é completamente passiva – ela se posiciona no mundo e na sociedade brasileira – em um mundo marcado por processos de globalização, ora progressista, ora capitalista⁶. As teorias de Freire expõem suas objeções às ideias dos arrogantes e detentores dos privilégios. Freire concebe uma pedagogia radical e o

⁶ Nem sempre um sistema capitalista será opressor. O que gera a opressão é a natureza egoísta de quem assume posições de liderança, mas não considera a relação e a necessidade dos outros, exercendo ganância pelo poder e pelo capital. Do mesmo modo, sistemas progressistas também não são sinônimos de processos de educação libertadora.



educador/progressista, na metodologia freiriana, não pode fazer concessões ao pragmatismo neoliberal. Sua pedagogia é a *pedagogia da indignação*, da resistência, como vemos em processos históricos de colonização:

"[...] as resistências – a orgânica e/ou a cultural – são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. O sincretismo religioso afro-brasileiro expressa a resistência ou a manha com que a cultura africana escrava se defendia do poder hegemônico do colonizador branco [...] não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (Freire, 2000a, p. 87).

Não cabe nesse artigo entrarmos na discussão da proposição de construção de currículo por competências e para a preparação para o mundo do trabalho (mercado), mesmo porque, muitos autores têm feito a denúncia e uma alerta sobre o esvaziamento, nesses currículos, dos conhecimentos teóricos que permitem aos alunos entrarem em diálogo com a sociedade sobre as grandes questões sociais e científicas sendo debatidas (LIBÂNEO, 2012, 2019, GALLIAN e SILVA, 2019; GALLIAN e LOUZANO, 2014). Mas vale apontarmos que há muitos autores apontando o que Freire defendia: a não acomodação e uma pedagogia que dê ao alunos os instrumentos para pensar autonomamente, podendo exercer sua liberdade plena como humano.

A educação em Freire é contra - hegemônica, cria categorias que contrariam a visão de mundo dominante. Segundo Paulo Freire, “a acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança. Falta a quem se acomoda, ou quem se acomoda fraqueja, a capacidade de resistir” (STRECK, et.al, 2018, p 604).

3. A Dialética Barthiana

Ao CONSAGRAR ESTE ESTUDO A KARL BARTH, tivemos a intenção de prestar homenagem a um teólogo que não teme enfrentar as realidades desde mundo. Necessita-se uma singular coragem para descer do púlpito para as ruas. Necessita, também, uma quebrantável confiança n'Aquele que nos impele a isso (CORNU, 1971, p. 7).

Barth foi o destemido professor que enfrentou a realidade como ela está posta. Com sua coragem, colocou os homens da sua época à prova. Teólogo, pregador, profícuo escritor⁷ e professor de universidades, desceu do púlpito para as ruas, de onde

⁷ De 1925-1930, Barth trabalhou como Professor de Dogmática e Exegese do Novo Testamento em Münster e de 1930-1935 como Professor de Teologia Sistemática em Bonn. Em Bonn, ele começou seu



emergiam as desigualdades e perseguições provocadas pelo terrível inimigo – o nazismo. “A Teologia Contra o Nazismo”, escreveu o jornalista e acadêmico suíço, Daniel Cornu, na clássica obra *Karl Barth: Teólogo da Liberdade* (1971).⁸ Não há como, na obra barthiana, separar o “teólogo” do “político”, não podemos desassociar o “professor” do “político”, é o que os biógrafos de Barth descobriram, principalmente entre 1906 e 1955 (meio século sobre o qual se efetuou uma completa recensão dos textos barthianos), com mais de uma centena de textos consagrados aos problemas políticos de sua época (CORNU, 1971).

Em Barth vemos uma educação, mesmo sendo uma educação teológica, engajada para a liberdade, para a resistência. A própria teologia de Barth é uma teologia dialética. É uma teologia *apofática*, ou seja, uma *teologia da negação*. A teologia de Barth é chamada de teologia dialética (ou teologia da crise ou, ainda, teologia da Palavra) ou neo-ortodoxia, usando as categorias epistemológicas de Hegel, como vimos, superadas pela proposta de Paulo Freire, na qual a *Antítese* – um pensamento diferente da *Tese*, uma ideia contrária, geraria a *Síntese* – uma conclusão da tese com a antítese, ou seja, após o debate de ideias chegaria a uma conclusão resumida, no entanto, essa síntese passa a ser uma nova tese para uma dialética. Em Barth podemos chegar a seguinte Síntese:

- Tese: Teologia Ortodoxa.
- Antítese: Teologia Liberal
- Síntese: Teologia da Crise

Em busca de uma práxis liberadora, Barth rompe com a ortodoxia morta dos seus dias e também rompe com a inatividade dos teólogos e educadores liberais. Seu pensamento educacional é também inovador e provocador.

3.1 A ascensão do mal e a necessidade de resistência

Durante 14 anos, a Alemanha tentou inutilmente se tornar uma democracia, até que, em 20/1/1933 Hitler assumiu a Chancelaria do Reich. Os nacionais-socialistas

trabalho sobre a Dogmática da Igreja, sua *Magnum Opus*, que deixou inacabada apesar de suas mais de 9.300 páginas e treze volumes no total.

⁸ Este livro é um dos melhores para apresentar a trajetória política de Karl Barth.



subiram ao poder. A partir de 1º de abril de 1933 começa o boicote contra as lojas judias e o fim a liberdade na Alemanha. Antes, em 28 de fevereiro, Hitler já havia obtido do presidente Paul von Hindenburg (1847-1934), “para a proteção do povo e do Estado” a suspensão das sete seções da Constituição de Weimar, que assegurava a liberdade de reunião e a liberdade de imprensa (CORNU, 1971).

Barth ensinava na Universidade de Bonn desde 1930. As portas da Universidade se abriram para ele com a publicação da *Carta aos Romanos*. Em 1933 ele publica o manifesto: *Existência Teológica Hoje: a da Igreja Evangélica da Alemanha*. Barth manifestou sua oposição fundamental ao nacional-socialismo mesmo antes da tomada do poder por Adolf Hitler em 1933 e condenou os planos dos nazistas de usar a Igreja alemã para legitimar sua agenda racista. Em junho de 1933, Barth publicou a primeira edição de seu panfleto *Theological Existence Today!*, que foi amplamente percebido como um alarme e uma chamada de alerta.

Em 1934, Barth foi o grande responsável pela redação da *Declaração de Barmen*, uma confissão de fé que repudiou vigorosamente a ideologia nazista. Barth enviou essa declaração pessoalmente a Hitler. A Declaração de Barmen tornou-se um dos documentos fundadores da Igreja Confessante na Alemanha, que liderou a “resistência espiritual” contra o nacional-socialismo – isto faz desse pensador, um educador e teólogo da resistência. A ascensão do nazismo no final dos anos de 1920 e a ascensão de Hitler ao poder em janeiro de 1933, tornaria impossível sua permanência na Alemanha. O Fuher alemão exigiu completa subserviência de todos os professores do país, mas encontrou um espírito de oposição no professor de Basileia:

“As autoridades nazistas proibem que ele fale em público. Ele se submete apenas parcialmente. Recusa a curvar-se ao decreto que impõe a todo professor começar seus cursos com a saudação hitlerista. Em novembro de 1934, recusa-se ainda a prestar juramento de obediência absoluta ao Fuher, juramento exigido a todos os funcionários do Estado. É suspenso e, em junho de 1935, destituído de sua cátedra na Universidade de Bonn” (CORNU, 1971, p. 51).

Barth não faz a saudação nazista, antes do começo de cada aula, é resiliente e determinado. Em face de um Estado que cada dia se impõe mais em todos os setores da vida pública e privada, que tenta assimilar ou esmagar a Igreja, é importante, com efeito, encontrar a essência da Igreja e redefinir as suas estruturas. Para Barth, a atitude do Estado nazista totalitário acarreta e mesmo justifica uma resistência política da parte



da Igreja (CORNU, 1971). Barth sempre manifestou esse sentimento de desejo pela liberdade. Quando foi pastorear em Safenvil, no Cantão de Argóvia, os problemas sociais passam a frente dos problemas teológicos.

Barth se torna socialista cristão. Sofre a influência de dois teólogos sociais: Leonard Ragaz (1868 – 1945) e Hermann Kutter (1863–1931), ambos teólogos e educadores sociais. Safenvil era uma comunidade rural, onde as pessoas sobreviviam da produção de três fábricas,⁹ nas quais trabalham a maioria dos paroquianos de Barth. Ali uma vez mais intervém em conflitos entre operários e patrões. Participa de uma reivindicação sindical e empresta apoio para a busca de direitos trabalhistas como salário e horas de trabalho. Em 1915 ingressa no Partido Social-Democrata. Conserva uma inclinação para o socialismo e não tenta dissimular. Passa a ser chamado pelos paroquianos ricos de “pastor vermelho” (FILHO, 2015).

No ano de 1945, Barth foi destituído de sua cátedra em Bonn pelo nazismo. Ele era estrangeiro, portanto, não deveria ficar na Alemanha – em 22 de junho de 1935, Ele é demitido, dois dias depois ele é contratado pela Universidade de Basel, como professor ordinário, onde passa o resto de sua vida (BUSCH, 1993, p. 261; FILHO, 2015, p. 115). De Basel, Barth continuou escrevendo cartas para pessoas perseguidas na Alemanha, resistindo ao governo que considerava “diabólico”. Ele interpretava os textos joaninos como reveladores dos males de um estado totalitarista, como por exemplo Apocalipse 13, no qual o apóstolo João viu “uma besta” que emergiu do mar, “tendo dez chifres e sete cabeças, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia” (Ap 13. 1), para Barth, esta “besta” era uma representação não apenas do Império opressor de Roma contra os Cristãos, mas também do próprio Hitler contra os marginalizados (FILHO, 2015).

Barth lutou contra a desumanização, contra a tentativa de tolhimento da liberdade. Lutou contra a sectarização promovida pelo nazismo. A consciência de Barth é crítica. Paulo Freire chama a atenção para o medo da liberdade ou o denominado perigo da conscientização enquanto processo de evolução de uma consciência ingênua ou mítica para uma consciência crítica, recorrendo à radicalização crítica, criadora e conseqüentemente libertadora enquanto unidade dialética entre subjetividade e

⁹ Estima se que existiam ali 780 Assalariados.



objetividade, a qual gera um atuar e pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la, o que se transforma em ameaça à classe dominante, que pela *sectarização*, obstáculo à emancipação dos homens, transforma o futuro em algo preestabelecido a par da manutenção de formas de ação negadoras da liberdade.

4. Considerações finais.

“O homem nasce livre, mas por toda parte se vê acorrentado” (Rousseau, apud SKINNER, 1996, p. 436).

Nascemos para a liberdade! Nossa educação precisa – necessariamente – ser libertadora, dialógica e dialética, uma educação que nos faça refletir e nos amadureça no processo de construção do nosso ser, inserido em contextos de opressão. O preço pode ser caro! Este singelo artigo propôs uma interface entre pensadores de contextos e situações diferentes, mas que enfrentaram problemas semelhantes: a tirania de governos absolutistas e ditatoriais. Tanto Barth como Freire, concebem a resistência como um direito político. Encontramos nos autores supracitados a teoria de uma revolução popular contra todo domínio ilegítimo. Estes educadores se levantaram contra a tirania e proclamaram a dissolução dos déspotas, dos antidialógicos – é uma educação que luta pela garantia da teoria da resistência com base no direito privado, tese amplamente defendida pelos calvinistas radicais do século XVI, embasada nas teses políticas e educacionais de João Calvino (SKINNER, 1996).

Não estamos mais no século XX, século de Barth e Freire, adentramos ao século XXI, porém, os desafios são os mesmos. As ameaças à educação não são escancaradas como eram no nacional-socialismo sob Hitler, na Alemanha, e nem mesmo são escancaradas como foram no golpe militar de 1964, no Brasil, porém, hoje são sutis, disfarçadas, manipuladas e sugestionadas nos métodos tradicionais de educação. O professor muitas vezes se vê obrigado a obedecer, a se enquadrar em determinados métodos aprovados pelos “especialistas em educação” do Ministério de Educação (MEC), sem questionar, sem opinar, sem participar – ele simplesmente é um facilitador – alguém que “garante aprendizagens”, evidenciadas em competências, conteúdos que,



preocupados com a contextualização para o aluno, o mantém em seu cotidiano, impedindo seu pleno desenvolvimento para um pensamento crítico e autônomo.

Estamos presenciando no Brasil o ressurgimento de líderes e políticos que refletem, nos seus discursos, o tipo de mensagem dos tiranos e opressores. Este artigo traz o corolário do que sempre aconteceu, quando homens, educadores e dialógicos se levantam contra seus opressores. Não podemos nos acovardar e nos intimidar, é necessário lutarmos, esta é a *pedagogia da resistência*.



Referências

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; e HANESAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Trad. Nélio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.

CORNU, Daniel. **Karl Barth: O Teólogo da Liberdade**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1971.

FILHO, Manuel Bernardino S. **Karl Barth e sua Influência na Teologia Latino – Americano: Palavra, Evento e Práxis da Libertação**. São Paulo/ SP: ASTE, Associação Brasileira, 2015, 428 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/RJ; São Paulo/SP: Paz e Terra, 2019, 256 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/RJ; São Paulo/SP: Paz e Terra, 2016, 256 p.

GALIAN, C. V. A.; LOUZANO, P. Michael Young e o campo do currículo: da ênfase no “conhecimento dos poderosos” à defesa do “conhecimento poderoso”. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1109-1124, out./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022014400400201>.

GALIAN, C. V A.; SILVA, R. Apontamentos para uma avaliação de currículos no Brasil: a BNCC em questão. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 30, n. 74, p. 508-535, maio/ago. 2019. P. 508-535.

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da Filosofia Moderna**. São Paulo/SP, 1967, 436 p.

LIBÂNEO, J. C. Finalidades educativas escolares em disputa, currículo e didática. In: LIBÂNEO, J. C.; ECHALAR A. D. L. F.; SUANNO, M. V. R.; ROSA, S. V. L. (orgs.). **Em defesa do direito à educação escolar: didática, currículo e políticas educacionais em debate**. VII Endipe. Goiânia: Editora da UFG, 2019.

LIBÂNEO, J. C. Internacionalização das políticas educacionais e políticas para a escola: elementos para uma análise pedagógico-política de orientações curriculares para o



Ensino Fundamental. In: **XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, ENDIPE**. 23 a 26 de julho de 2012, FE/UNICAMP, Campinas, 2012.

LIMA, Carlos Cirne. A. **Dialética para Principiantes**. Porto Alegre: Edpurces, 1996.

LYRA, Carlos. **As Quarenta Horas de Angicos: Uma Experiência Pioneira de Educação**. São Paulo/SP: Cortez, 1996.

SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo/SP: Companhia das Letras 1996.

STRECK, Danilo R, et. al. **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo/SP: Autêntica, 2018.

VIGOTSKI, L. **A formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.